

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

NUNES, Angelina Silva. Angelina Nunes (depoimento, 2008). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 28min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL e COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Angelina Nunes  
(depoimento, 2008)**

Rio de Janeiro

2018

### *Ficha Técnica*

**Tipo de entrevista:** Temática

**Entrevistador(es):** Virginia Pradelina da Silveira Fonseca;

**Levantamento de dados:** Virginia Pradelina da Silveira Fonseca;

**Pesquisa e elaboração do roteiro:** Alzira Alves de Abreu; Virginia Pradelina da Silveira Fonseca;

**Técnico de gravação:** Marco Dreer Buarque;

**Local:** Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

**Data:** 22/12/2008 a 22/12/2008

**Duração:** 1h 28min

Arquivo digital - áudio: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto "Capitalismo e tecnologia no Jornalismo contemporâneo: funções sociais e práticas profissionais", desenvolvido pela Profa. Virginia Fonseca, orientada pela Dra. Alzira Alves de Abreu, dentro do plano de atividades do estágio pós-doutoral, realizado no CPDOC, entre março de 2008 e março de 2009. O principal objetivo do trabalho era refletir sobre a identidade do jornalista contemporâneo. A escolha dos entrevistados se justificou pelo cargo de direção na redação da organização jornalística em que atua, circunscrevendo-se, assim, à categoria de elite da profissão. Ela é Editora Assistente da Editoria Rio do jornal O Globo e presidente da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), no período de 2008-2009.

**Temas:** Administração pública; Assembléia Legislativa; Ciência e tecnologia; Cinema rádio e televisão; Conferência Rio 92; Corrupção e suborno; Darcy Ribeiro; Diretas já (1984); Ecologia; Editora Globo; Educação; Ética; Falecimento; Família; Favela; Formação profissional; Governo Luiz Inácio Lula da Silva (2003 - 2010); Internet; Jornalismo; Leonel Brizola; O Globo; Política; Publicidade; Rio de Janeiro (cidade); Saúde pública; Tancredo de Almeida Neves; Televisão; Universidade Federal da Bahia; Universidade Federal do Rio de Janeiro; Veículos de comunicação;

## *Sumário*

Entrevista: 22.12.2008

Fita 1-A: Origens familiares; formação e ocupação dos pais e da irmã; escolha da profissão; ingresso na Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 1977; transferência para a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); conclusão do curso de Comunicação em 1982; comentários sobre a vida profissional: estágios na TV Educativa, TV Manchete e Rádio MEC, assessoria de comunicação da Cruz Vermelha, matérias ecológicas em uma produtora de vídeo independente, ingresso no Jornal O Dia (1988-1991), ida para o Jornal O Globo (1991); funções que exerceu no Jornal O Globo: reportagens relacionadas à cidade do Rio de Janeiro, problemas sociais, saúde, educação, administração pública (1999), editora assistente (2000), coordenadora de reportagens sobre a administração pública; novos comentários sobre a escolha da profissão e a transferência da UFBA para a UFRJ; mudança da habilitação de Publicidade para Jornalismo durante a graduação; comentários sobre seu interesse pela profissão; internet como meio de comunicação em que se sente mais à vontade; fatos que marcaram sua vida profissional: morte de Tancredo Neves e do Chacrinha, participação na passeata das "Diretas Já" e na Conferência ECO-92, entrevista com políticos como Leonel Brizola e Darcy Ribeiro, maior segurança para os jornalistas na cidade do Rio de Janeiro na década de 1980; equipamentos com maior tecnologia para os repórteres; mais recursos nos veículos de comunicação; mudanças no jornal O Dia feitas por Ary de Carvalho; lembra que os jornalistas não tinham especialização, mas que uma "nova geração" começou a ser graduada; maior tecnologia e recursos financeiros no jornal O Globo; gosto pela administração pública; mudanças nos repórteres e na parte operacional dos jornais nas décadas 1980-1990; necessidade de maior especialização dos jornalistas; estrutura da editoria do jornal O Globo; influência da internet e do rádio na redução do número de repórteres; jornada de trabalho; rotina diária de leitura de notícias na internet, no jornal e no rádio; cursos oferecidos pelo Infoglobo aos funcionários; aulas que ministra no Infoglobo; relato prolongado sobre os conflitos existentes entre os jornalistas mais antigos, que não aceitam a veiculação de notícias pela internet, e os novos, que aderem às novas tecnologias; necessidade de rapidez no envio de notícias para a internet; necessidade de especialização dos jornalistas; dificuldades para os jornalistas que não aderem às novas tecnologias.

Fita 1-B: longo relato sobre como os jornalistas transformam fatos em grandes matérias; longa explicação sobre quais são as funções dos jornalistas e sua importância para a sociedade; considerações sobre as dificuldades de se manter a imparcialidade, a objetividade e a ética jornalística; dificuldades na escolha dos entrevistados; como tornar matérias mais atrativas para o público; novas considerações sobre a importância do jornalista para a sociedade; Abraji (Associação Brasileira de Jornalistas Investigativos): formação em 2004, influência da morte de Tim Lopes, insegurança para os repórteres que faziam cobertura policial e matérias em favelas, seu papel na capacitação de jornalistas em todo o Brasil; grupos de trabalho nas redações formado por jornalistas com interesse na mesma área de atuação; novo relato sobre a importância da especialização dos jornalistas; novas considerações sobre os jornalistas que conseguem transformar fatos em grandes matérias; a busca pelo diferencial nas notícias veiculadas pelos meios de comunicação; considerações

sobre seu apartidarismo; comentários sobre o governo Lula; importância do trabalho em equipe; prêmios conquistados com a reportagem sobre o crescimento patrimonial dos deputados na Alerj (Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro); importância dos novos jornalistas para as redações.

Entrevista: 22/12/2008

Virginia Fonseca – Começo essa entrevista perguntando sobre o ano e local do teu nascimento, a formação dos teus pais e sobre a tua formação em Jornalismo.

Angelina Nunes – Eu nasci em 17 de maio de 1959, estou com 49 anos, aqui no Rio. Minha mãe era costureira, meu pai, fuzileiro naval. Ele completou o estudo até o antigo ginásio na Marinha. Minha mãe também tinha o antigo ginásio, que hoje é ensino fundamental. Eu não tinha nenhum relacionamento com nenhum jornalista, nunca conheci nenhum jornalista, não tenho nenhum parente. Minha irmã, dois anos mais velha que eu, Ângela Regina, ela é que começou a faculdade de Jornalismo. No ano seguinte eu comecei também. A minha referência de Jornalismo era ela – admirava muito a maneira como ela escrevia, achava legal. Eu comecei meus estudos na Universidade Federal da Bahia em 1977, porque meu pai, como militar, foi transferido (em 1972 nós fomos para lá, para Salvador). Um ano e meio depois ele voltou para o Rio de Janeiro, voltamos todos e eu peguei minha transferência da Federal da Bahia para a Federal do Rio de Janeiro, aqui na Urca, onde eu concluí em junho de 1982. Só que eu já trabalhava desde o terceiro período, desde 1980, como estagiária. Quando eu vim para cá eu trouxe algumas matérias de crédito e estava começando a estagiar. Ia para a faculdade, assistia aula, fazia os trabalhos, mas já estava no mercado de trabalho. Comecei em TV, na TV Educativa, depois fui para a extinta TV Manchete, que acabou agora, depois fui para a Rádio MEC. Quando me formei, comecei a trabalhar em assessoria de comunicação, na qual eu durei três meses. Era na assessoria de comunicação da Cruz Vermelha, aqui no Rio de Janeiro. Na época teve uma chuva horrorosa no Rio de Janeiro, nós recolhemos vários donativos e eu não concordei muito com o método de divisão dos donativos. Achei que havia uma coisa no mínimo suspeita, porque as boas doações rapidamente desapareciam e não eram entregues. Em seis meses eu saí. Depois eu parti para uma produtora de vídeo, fui fazer televisão. Era uma produtora de vídeo independente, chamava Azul Vídeo, nós fazíamos matérias ecológicas viajando o Brasil todo e tal. Depois disso, em 1988... Antes de 1988 eu passei de novo pela Rádio MEC, de novo pela TVE e cobri férias rapidamente na revista *Veja* e depois fui para o jornal *O Dia*. Entrei no jornal *O Dia* em setembro de 1988. Quer dizer, antes de ir para o jornal, esse tempo todo eu fiz o contrário. Em geral as pessoas passam no jornal e vão para a TV. Eu fiz o contrário – fiz rádio, TV, revista, produtora de vídeo e depois é que eu fui para jornal. E estou em jornal desde 1988.

V.F. – No jornal *O Globo* tu estás...?

A.N. – No *Dia* eu fiquei de 1988 até maio de 1991. Eu fui chamada para ir para *O Globo* exatamente no dia 17 de maio de 1991, no dia do meu aniversário. Me ligaram, me fizeram o convite, e eu comecei a trabalhar em junho.

V.F. – Em *O Globo*, quais as funções que tu exerceste?

A.N. – No *Dia*, eu só fazia reportagens de todas as áreas. No *Globo*, eu entrei fazendo matérias de cidade, barra pesada, o que a gente chama de *hardnews* (polícia, buraco, passeata) e aí, ao longo do tempo, fui fazendo matérias mais sociais, de políticas de menores

de rua, como a gente lida com todo esse problema já é uma coisa mais especializada nas secretarias, depois eu fiz a área de saúde, educação e a partir de 1999, mais ou menos, eu comecei na área de administração pública. Fiquei como repórter até dezembro de 2000, quando passei para o fechamento, para ser sub-editora, que hoje tem a nomenclatura de editora assistente.

V.F. – Como editora assistente, quais são especificamente as tuas funções?

A.N. – O jornal passou por um processo diferenciado. Além do editor assistente fechar as páginas..., quer dizer, ele recebe o material dos repórteres e participa do fechamento, da diagramação, da edição da página em si – titula, legenda. O jornal passou por um processo de divisão de times muito semelhante ao que se estava fazendo nos Estados Unidos. E eram divididos em grupos: grupo de saúde, grupo de justiça e polícia, grupo de administração pública...

V.F. – Quando começou isso?

A.N. – Isso começou mais ou menos em 1995, quando começou a conversa. Implantando mesmo foi a partir de 1998. Demorou uns três anos até você treinar a redação inteira porque era uma mudança de mentalidade. Então, o editor assistente, além de participar do fechamento, ele coordena o seu grupo de especialização. No meu caso é administração pública. Então eu tenho que coordenar, fazer reunião de pauta (pautas diárias, pautas especiais, grandes projetos (de três, quatro, cinco meses), além de participar do fechamento diário. Então você ampliou a função do editor assistente. E também posso fazer matérias. Dentro dessa grande matéria especial que eu estou fazendo, eu posso um dia sair, pego o meu substituto e vou para a rua e faço matéria. Cabe ao editor assistente também formar um substituto. Na minha equipe eu já formei dois substitutos, porque, quando estou de férias, ou folga, ou licença médica, enfim, o substituto, o repórter, faz a função de editor assistente. Na sua ausência, essa outra pessoa faz. Eu já formei dois.

V.F. – Antes de entrarmos nessas questões específicas, eu quero retornar no tempo para que tu fales sobre por que escolheste jornalismo, além da influência da irmã.

A.N. – Olha, fica até meio chato falar. É engraçado. Eu queria ser bióloga. Na verdade, queria ser bióloga, achava o máximo biologia, marinha então eu achava fantástico. Quando eu era pequena, escrevia algumas coisas – eu ouço minhas amigas falarem: “ah, eu fazia jornalzinho quando era do primário!” Eu não fazia jornalzinho quando era do primário, nada disso. Eu escrevia algumas coisas, gostava muito de português, escrevia algumas redações e tal, mas eu gostava muito de biologia e de química. E botei na minha cabeça que queria ser bióloga marinha e tal. Aí, perto de fazer o vestibular, minha irmã já tinha entrado na faculdade para fazer Comunicação, no mês de fazer a inscrição para o vestibular, eu me lembro até hoje, peguei um ridículo livrinho de profissões e comecei a ler. Aí eu descobri, me toquei, que biólogo tinha que ficar fechado num lugar, tinha que ficar pesquisando... Eu não me imaginava fechada num lugar, sem ver a luz... eu não imaginava isso. Aí pensei “biologia é legal, mas eu não quero ser bióloga”. E fiquei num pânico, e agora o que é que eu vou fazer? Aí eu pensei “Publicidade” – tinha mais a ver comigo. Pô, legal, criar, fazer coisas diferentes, cada dia um negócio diferente. Minha irmã já estava na faculdade de

Comunicação. Eu falei, “pô, legal, então vou fazer Comunicação também, só que vou fazer Publicidade”. Eu entrei na faculdade para fazer Publicidade. Só que no terceiro período... (eu comecei a faculdade lá em Salvador, os professores eram ótimos e tal, eu era a mais jovem da minha turma, engraçado, eu estava com 17 anos, todo mundo era muito mais velho, mexeu muito com a minha cabeça, era outra turma). Quando eu voltei para o Rio, que comecei a estudar aqui na Urca, os professores de Publicidade eram muito ruins, e eles não apareciam para dar aula. Eu achava um absurdo, porque os meus pais moravam na Baixada e eu levava uma hora e meia para chegar na faculdade e não tinha aula! Aí eu, sabe, na minha cabeça não entrava, eu não posso fazer um curso em que os professores não aparecem. Aí eu acabei fazendo jornalismo.

V.F. – Onde os professores apareciam?

A.N. – Onde os professores apareciam e tinha um professor que é fantástico, que é o Nilson Lage, que eu achava e até hoje considero um professor fantástico, que me fez gostar de jornalismo. Mas aí eu falei assim vou fazer jornalismo, mas não vou fazer jornal, porque eu não sei escrever. Eu botei na minha cabeça que eu achava muito difícil uma pessoa escrever uma página. Eu ficava assim, “poxa, minha irmã escreve uma página (ela já fazia estágio), como que é que você consegue contar tudo numa página”. Aí eu pensei, não, eu vou fazer rádio, televisão, que é uma coisa que eu gosto, eu já fazia estágio, para mim era um meio mais completo, mais rápido, aquela coisa do imediatismo era uma coisa que eu gostava. E foi assim. Na verdade, quando eu era jovem queria fazer biologia, depois vi que não era a minha, apesar de gostar muito de biologia até hoje, entrei em Comunicação para fazer Publicidade, no meio do caminho desviei para Jornalismo, no Jornalismo achei que ia ficar mais em rádio e TV e acaba que estou desde 1988 em jornal. Eu gosto muito do que eu faço, eu sempre digo isso. Eu gosto do que eu faço, gosto muito de procurar matéria, de produzir, de elaborar, eu gosto muito, e eu acho que hoje o meio que talvez eu me sinta mais à vontade eu acho que vai ser a internet, porque na internet você pode escrever, você pode fotografar, você pode filmar, você pode ter o áudio, você tem tudo ali dentro: você tem o jornal, o rádio, a TV, tudo junto. Aí eu acho que vou me sentir mais à vontade. Eu fico brincando dizendo que eu sou uma fraude, porque eu tenho amigas que dizem que desde pequenininhas queriam ser jornalistas. Não, é claro que eu lia jornal, lia, lá em casa meus pais sempre compravam jornal, cresci lendo jornal, cresci lendo muito livro, eu lia muito, era uma leitora voraz, lia demais, mas eu não me via como jornalista, não me via.

V.F. – Quais são os fatos e acontecimentos que marcaram a tua geração?

A.N. – Eu me lembro de trabalho, por exemplo, eu me lembro da morte do Tancredo. Eu estava num bar com uns amigos, a gente estava conversando, rindo, conversando e aí veio um menino, ah, morreu o Tancredo. E então a gente tinha que voltar correndo para a redação. E aí a mesa toda pagou a conta e levantou, e voltou para a redação. Isso é uma coisa interessante porque eu não vejo isso hoje. E a gente fazia isso. Eu me lembro quando morreu o Chacrinha também. Eu trabalhava no *Dia* ainda, na década de 1980, e a gente estava no bar também (parece até que eu bebo, eu gosto de fazer parte mas eu não bebo, meu fígado é péssimo), e quando a gente estava lá, de repente, o diretor de redação, que na época era o Dárcio Malta, ele estava lá conversando, de repente ele sumiu, e a gente por que? O Dárcio voltou?, porque o bar era em frente ao *O Dia*. Aí, não, ele está lá em cima porque morreu o

Chacrinha e a gente vai ter que fazer duas páginas. Aí todo mundo subiu para fazer também. Então, esse amor, essa disponibilidade que eu via muito na década de 1980, eu não vejo muito hoje, mudou um pouco. Eu participei da passeata das Diretas Já como cidadão, não fazendo matéria. Eu já tinha saído, tinha acabado meu plantão. Todas as coisas que aconteceram na cidade, todas as grandes campanhas eu participei trabalhando, todos os grandes eventos: a Rio 92 eu participei trabalhando. Isso é interessante. Eu conheci grandes políticos trabalhando... isso para mim foi... Brizola, eu entrevistei Brizola. Isso para mim é muito legal. Darcy Ribeiro. Eu tive a sorte de conseguir conviver com algumas figuras tão interessantes, que influenciaram tanto, principalmente o Rio de Janeiro, a cidade. É claro que também conheci pessoas horrorosas... Por causa do meu trabalho, entrevistei muito bandido. Eu vi a cidade se transformar de uma época em que as favelas... havia uma convivência, um acordo tácito, uma convivência mais pacífica, e os jornalistas podiam entrar e circular, e os bandidos chamavam a gente de “senhora” e abaixavam a cabeça e saíam do caminho quando a gente chegava. Eu vivi essa época. Hoje em dia você não consegue passar na porta. Essa transformação da cidade, talvez eu não tivesse esse contato se não fosse jornalista. Eu fico pensando “nossa, como mudou a cidade!”. Aí eu conto para a minha filha como é que era e como é que está hoje. E mudou bastante. Então, eu vivi muitas coisas. A sensação que eu tenho é que nós, jornalistas, a gente vive a vida de 20, 30 pessoas durante o dia. Você encontra com pessoas, você entra na vida das pessoas e tal, e depois quando você volta para casa, você tem um mundo de informação que as outras pessoas, o leitor comum, não vai ter, nunca vai conhecer. Ele não vai saber como é que o Brizola era engraçado, era muito bem-humorado falando, como é que ele era hábil na hora de dar um discurso, porque ele respirava no meio da frase, para não dar chance de você perguntar. Então era uma dificuldade entrevistar o Brizola, porque ele vinha na frase, ele sabia que você ia perguntar, ele fazia pausa aonde não tinha que ter pausa, e o mais importante, todo mundo ficava parado, ninguém perguntava nada. Ele era muito hábil em lidar com a imprensa. Isso me facilitou também a perceber o contato com essas pessoas, mudar um pouco a maneira de eu entrevistar as pessoas. Aí eu comecei a perceber, olha, interessante, esse age dessa forma. Então, para eu conseguir informações, eu tenho que arrumar uma brecha... Esse olhar, observar, eu acho muito interessante.

V.F. – E no jornalismo, desde que tu começaste a trabalhar, quais são as mudanças mais importantes, mais significativas, que tu observas que tenham ocorrido desde o teu ingresso no jornalismo até hoje?

A.N. – De TV, é claro, mudou muito. De TV, a gente saía com aquelas máquinas enormes, fitas, aquela Betamax gigantesca. Hoje em dia é uma maquininha bem menor, mas eu estou um pouco mais afastada de TV. Tem até o produtor, não é... De jornal, mudou muito. Quando eu entrei em *O Dia*, em 1988, nós andávamos numa Kombi. Por quê? Porque eram os setoristas. Quem ia ficar na Prefeitura, quem ia ficar na Câmara, quem ia ficar na ALERJ, quem ia cobrir as instituições... Eles colocavam todo mundo dentro de uma Kombi, a gente apelidava a Kombi de Bateau Mouche, porque era muita gente, e a gente saía com um bloquinho – aquele bloquinho que quando chovia se despedaçava todo, com aquele papel pardo bem fininho – e com uma canetinha e eventualmente um gravador, que era enorme, pesadíssimo. Era aquele quase do tamanho de uma folha A4, aquele gravador gigantesco, aquela fita K7 gigantesca. A gente ia para a rua, fazia a matéria, voltava e batia em quatro cópias – porque ia uma para o redator, uma ficava no chefe, uma ia para a impressão, outra



ficava com você... Então era um mundo de papéis, papel carbono e você ficava com o dedo sujo. Você tinha que bater em espaço dois, porque esse intervalo entre as linhas servia para a correção do texto pelo redator. As laudas, você batia em lauda, ah, quantas laudas eu bato dessa matéria. Uma lauda e meia! Hoje em dia não tem isso. Quanto? Dez centímetros! E nós, repórteres, nós não participávamos do fechamento. Você não tinha idéia se a sua matéria ia ficar em cima, embaixo, qual era o espaço que ela ocuparia em forma. Hoje em dia a gente fala, ah, a forminha de dez centímetros – é u feature, é um Box... Você não tinha isso. A sua função era bem fechadinha – você era repórter. E você podia chegar e bater 20 laudas, e aí tinha um redator que fazia um copidesque disso e transformava isso em uma ou duas laudas. Quando eu entrei em *O Dia*, estava sendo implantada a reforma do *Dia*, porque era um jornal popular, e várias pessoas que estavam chegando no jornal naquela época, eram oriundas do *JB*, então estava mudando a mentalidade. Que era um jornal tradicionalíssimo [o *JB*], e *O Dia*, um jornal popular, tinha até um *slogan*. Ah, se apertar sai sangue, que era uma coisa muito barra pesada, e o dono, que tinha então comprado o jornal, que era o Ary de Carvalho, ele ia mudar todo o jornal, acabava um pouco com aquela era Chagas Freitas, que era um jornal bem popularesco, e de política também, e ia mudar a cara. E isso significava que eles tinham demitido várias pessoas. Então, quando eu entrei no jornal, tinha um dos caras da velha guarda, havia um hábito, o repórter levava ... armado! Ele tinha uma 22 no calcanhar! Ele botava aquilo no tornozelo, então... tinha essas figuras folclóricas no jornalismo, umas pessoas estranhas, de passado um pouco duvidoso e também de receberem “caixinha” da polícia. Então isso foi apagado! Havia alguns jornalistas semi-alfabetizados, que só sabiam contar a história. Por isso, quando a gente chega no jornal, [tem a expressão] “canta aí a matéria!”. Por quê? Porque o cara sentava do lado do redator e cantava a matéria. Ele dizia: olha, então o delegado falou isso e isso. Ele não tinha capacidade de escrever uma frase com um início, meio e fim. Esse jornalistas, eles foram ultrapassados, e essa nova geração, lá em 1988, mudou todo o jornal. Mas mesmo assim, estávamos ainda na máquina de escrever, aquela Olivetti e tal...era direitinho. Quando eu fui para *O Globo* em 1991, *O Globo* já tinha implantado computadores, já estava com computador. Então era uma outra coisa. Então eu passei a trabalhar no computador, vendo uma matéria sendo.... uma outra forma, mas não sugeria título, isso era [função] só dos redatores. Havia um “mesão”, que a gente chamava o “mesão” dos redatores, então tinha uns 30 redatores que recebiam todas as matérias. Eles pegavam as matérias no computador e já corrigiam as matérias. Foi nessa época que lá também [em *O Globo*] se dividiu esse “mesão”. Um ou dois anos depois, eles passaram a ter, em cada editoria, dois ou três redatores, para poder ficar um trabalho mais direcionado para aquela editoria. Eu passei a andar (não era mais a Kombi, nem o fusquinha, como em *O Dia*) em outro carro, era um Golzinho sem-vergonha e tal, mas era um Golzinho, e como eu estava acostumada a fazer três ou quatro matérias, quando eu fui para *O Globo* eu fazia uma matéria só. Eu achava.., Jesus! Eu cheguei ao melhor dos mundos, porque eu fazia uma pauta, e estava acostumada a fazer quatro. Aí eu comecei a gostar mais, eu encontrei uma repórter lá no *Globo*, chamada Elaine Rodrigues, que me ensinou a gostar de administração pública, que me ensinou a ler o Diário Oficial, a ler um contrato, a ler um edital, a descobrir um edital viciado, a me dar uns toques de como a gente podia transformar aquela coisa chatíssima que é o Diário Oficial numa coisa prazerosa que é a matéria. Eu tive essa sorte. Eu acho que ao longo da minha carreira encontrei várias pessoas que me deram uns toques legais. No processo de produção, eu vivenciei – saí do papel para ir para o computador, mas era aquele computadorzão, pesado, aquela tela verde, horrorosa, aí depois eles trocaram os computadores. Aí melhorou o programa e, a partir dessa troca, cada um já saía também com o

seu gravadorzinho (o gravador já diminuiu de tamanho, já não era mais aquele gigantesco, já era um gravadorzinho menor, de um palmo, um pouco menos), e você saía com o fotógrafo. Todo mundo tinha um fotógrafo para sair. Hoje não, hoje, como reduziu o número de repórteres e de fotógrafos, às vezes você sai e o fotógrafo passa onde você está, faz a foto e vai embora, porque ele já tem três ou quatro outras pautas. Você não tem aquela equipe que a gente sonhava e que era ótimo trabalhar: motorista, repórter, fotógrafo, o dia inteiro fazendo matéria. Hoje em dia em poucas ocasiões você consegue isso. Numa matéria especial você consegue isso, mas no dia a dia você não tem como, não há gente suficiente para isso. Isso mudou. Na questão operacional, o computador muda porque você não consegue mais ver a sua matéria no papel, mas dá uma vantagem excelente: você não precisa reescrever, borrar o seu dedo de carbono, você consegue fazer o “recorta e cola”, inverter, subir uma frase, botou um parágrafo lá embaixo e descobriu que aquele parágrafo ficava melhor lá em cima, então você recorta e cola... Essa agilidade foi muito boa para a gente organizar o texto. Mas o computador também traz um distanciamento, porque hoje você está com a pessoa do lado e manda um e-mail: “por favor, mande a matéria tal”. Você passa a se comunicar mais com e-mail, apesar de a pessoa estar ao seu lado. Ele [o computador] te colocou esse distanciamento. E com os programas de hoje, que tem, por exemplo, no *Globo*, a gente trabalha com o GN3, o repórter já bate a matéria na forma diagramada, já titula, já legenda, o trabalho dele é mais completo, ele ganhou mais funções. Ao longo dos anos, ele deixou de cantar a matéria, lá na década de 1960, 1970 (é claro que tinha muitos repórteres nas décadas de 1960 e 1970 que escreviam, mas tinha uma boa parte que só cantava a matéria), e hoje em dia o repórter tem que chegar no jornal com uma cabeça multimídia. Ele tem que chegar sabendo se ele vai fazer um *Box*, se vai fazer um *features*, se tem suíte para a matéria do dia seguinte, e ele pode sentar do lado do diagramador e diagramar sua própria página. Ele ampliou a função do repórter, está se exigindo muito mais porque ele tem que ter um texto final e tem que se especializar. Então mudou tudo. Do fusquinha, eu andei de fusquinha, hoje não é mais fusquinha, os carros todos têm ar condicionado. Aquela laudazinha sem-vergonha que a gente andava na rua, que chovia e o papel ia embora, hoje em dia você sai com um gravador digital, sai com uma maquininha digital, você grava, filma, faz tudo...

V.F. – Qual é a estrutura de uma editoria hoje no jornal O Globo?

A.N. – Da [editoria] Rio, vou falar da editoria Rio, tem um editor, que é o Paulo Motta, tem um editor adjunto, têm três editores assistentes, um chefe de reportagem, dois sub-chefes e mais ou menos uns 35 repórteres. Só na editoria Rio. Quando eu cheguei no jornal em 1991, só de repórteres tinha uns 55. Para você ver como, ao longo do tempo, foi enxugando.

V.F. – Tu achas que esse enxugamento se deve à melhoria desses processos e à entrada de tecnologia, à internet?

A.N. – É, porque hoje em dia você não precisa de... (estou falando com a cabeça do patrão, não é). Se ele pode utilizar material que já está no G1, ele não precisa mandar o repórter para lá. Ele não precisa de dois repórteres. Com a internet, com a rádio, com tudo o que tem à disposição, todas as mídias (televisão, tudo bombando), ele foi reduzindo. Nós tínhamos duas pessoas que cobriam a prefeitura – um de manhã e um de tarde. Agora só tem um. Ele não precisa estar lá de manhã. Ele chega por volta de 11h, meio-dia e sai às sete, oito horas da noite. Então você foi enxugando.

V.F. – Quantas horas tem a tua jornada de trabalho?

A.N. – No papel, são sete horas. Nós ganhamos por cinco horas mais duas horas extras. Mas ninguém faz isso, não se faz sete horas. Já fiz mais, já houve épocas em que eu fazia 16 horas. Hoje em dia, eu chego às duas, duas e meia, e largo às dez. Quando estou com uma matéria especial, coordenando uma matéria especial, eu chegava lá nove, dez horas da manhã e saía às onze horas, uma, duas, depende muito... Se é no dia-a-dia, eu pego o meu horário fixo, duas e meia, três horas, até dez e meia, onze horas. Na sexta-feira não. Na sexta-feira a gente fecha o sábado: então pega três, três e meia, e vai até às três da manhã. Quando é uma matéria especial, quando é um caderno, uma matéria mais de fôlego, aí tem que mexer no seu horário, porque preciso estar antes, para combinar, para fazer as reuniões. Eventualmente eu faço matérias também na rua. Quando a gente fez uma matéria, eu chegava lá cedinho e saía de noite, isso é muito variável.

V.F. – E antes das duas horas [da tarde], de manhã, quando estás em casa, tem algum tipo de envolvimento com o jornal?

A.N. – O que é que eu faço hoje em dia: com o *laptop*, tudo mudou. Mas eu gosto de ir à banca comprar jornal. Porque eu me dou super bem com o jornaleiro, ele fica me informando das fofocas, da distribuição. Ele te dá uma informação da distribuição: “olha o jornal hoje chegou tarde!”. Isso é um retorno interessante porque aí eu chego lá e procuro ... e digo, “você sabe que em Vila Isabel o jornal chegou muito tarde? O que houve? Problemas na distribuição”. Você acaba também se ligando em outros processos. Eu hoje em dia, escuto rádio, quando estou na rua, no carro, boto na CBN e você vai escutando notícia. De manhã, acordo, vou no *laptop* e já leio o jornal na internet. Quando tem algum caderno interessante, um caderno especial, compro ele em papel, também, porque ainda gosto de folhear em papel. Minha filha adora ler jornal em papel e lê também na internet. Engraçado, não é, essa geração de agora. Isso é cedo, não é, porque eu acordo cedo. Depois eu acabo indo para o jornal, porque faço curso de inglês no jornal, e dou aula também. Lá nós temos a Academia Infoglobo, que é uma área só de treinamento, para repórter, para estagiário. Tem vários cursos lá: tem curso de vídeo, de mídia, de antropologia do consumo, da reforma ortográfica, e tem um curso de produtos – que são profissionais da empresa, um de distribuição, um da circulação, da redação, que dão aulas para os funcionários que estão entrando e para os funcionários que já trabalham na empresa, mas não conhecem os outros setores. Eu dou aula sobre a redação, sobre como é o funcionamento da redação. E aí, é claro, que tem o cara do jurídico, do financeiro, da distribuição, da circulação, às vezes tem o cara que tem dois meses de trabalho na empresa, outro tem 20 anos de trabalho na empresa, para eles conhecerem o produto e entenderem que, na verdade, todo mundo é uma pecinha dentro dessa grande engrenagem, um depende do outro. Desglamourizar um pouco essa coisa de que a redação é o coração da empresa. Isto mudou. Não é mais assim. Lá na década de 1980, o resto era subordinado à redação.

V.F. – E havia conflitos...

A.N. – Muito. O comercial... Sempre houve, o pau comia. Hoje em dia o pau quebra de uma maneira muito delicada porque sabe que entra dinheirinho. Então, se você está fechando uma

página às nove horas da noite e o horário de fechamento é 10h15min, se entrarem duas páginas e você tiver que fazer um dominó, mudar todas as páginas, você tem que fazer tudo em um hora. E não pode reclamar, porque é o dinheiro que está entrando. Mas é claro que hoje em dia, por causa desses... A partir do momento em que eu comecei a dar aula, eu dou aula já há quatro anos, é gratuito, eu dou fora do meu horário de trabalho, não recebo nada por isso, você passa a conhecer outras pessoas, de outros setores. Então, hoje em dia, quando eu tenho que negociar, limpar uma página, por exemplo, eu desço, converso com o pessoal do comercial, converso com a gerente do comercial, que fez curso comigo no IBMEC, onde a gente fez um MBA, pelo jornal, e por coincidência o garoto que está cuidando daquela página também estava no IBMEC, então você acaba negociando. Por favor, estava precisando dessa página limpa, não dá para botar em outro lugar? Então tem uma margem ali de negociação. Se a gente procurar se aproximar do setor, fica muito mais fácil, não é? Eu me lembro que na década de 1980 a gente nem queria saber, falar no comercial era o mesmo que xingar. Você queria distância desse pessoalzinho chato pra caramba que fica empurrando anúncio. Hoje em dia não, hoje em dia você circula, você conversa, quando você tem uma matéria especial, você já negocia com uma semana de antecedência. “Olha, vou precisar no domingo de duas páginas limpas e tal...”, você já tem uma relação mais amigável, mais interessante mesmo, entendeu? E a redação, não todo mundo (a maioria ainda não percebeu, ainda acha que ah!, afinal, nós somos o jornal!). Primeiro que não é mais o jornal *O Globo*, é Infoglobo. E pra cair a ficha é diferente. Você não é o coração da empresa, você faz parte da [empresa]. E você ter que se adequar a isso, quer dizer, até para o jornalista, ele descer um pouco desse pedestal é um processo lento, que até hoje, dentro da redação, ainda não está muito consolidado, não.

V.F. – Qual é o perfil do jornalista que está nas redações dos grandes veículos hoje?

A.N. – Na ABRAJ<sup>1</sup> eu faço umas palestras e tal, e é muito engraçado, porque nós jornalistas somos muito arrogantes. Nós somos arrogantes, nós somos donos da verdade, nós temos um ego gigantesco, uma vaidade que não cabe nesta sala, um negócio assim absurdo. Nós somos bons, desculpa. E aí, para você conseguir sair dessa aura que você mesmo se coloca é meio complicado, principalmente quando você tem que trabalhar em equipe. O que eu vejo nas redações, essa geração que está chegando chega com uma super vantagem: ela já domina a internet, já domina algumas ferramentas que quem está na redação, e que é da outra geração, ainda está aprendendo. Então ela vem com agilidade, ela pensa de maneira diferente. Ela pensa como ela vê na internet. Ela tem várias saídas. Ela não tem aquele pensamentozinho quadrado, ela tem várias saídas, ela se renova – “vão embora!”. A geração mais antiga tem um pouco de dificuldade de aceitar a mudança, de entrar na mudança e de tentar ver. A mudança é inevitável, então vamos entrar, vamos conhecer as ferramentas, vamos dominar, e dominando o uso daquela ferramenta, você consegue trabalhar de uma maneira confortável, prazerosa, fazendo o que você gosta. Há um conflito nas redações, porque a “velha guarda”, eu vou chamar de velha guarda (as pessoas chamam os dinossauros, não é que são dinossauros, mas as pessoas que negam o uso das ferramentas que você tem que fazer uso)...

V.F. – A “velha guarda” a que estás te referindo é o pessoal pré-internet?

A.N. – Pré-internet. Quem é pré-internet acha que a internet é uma merda, que a internet é um negócio babaca, que a informação é idiota, que está errada. É claro que, quando começou a

---

<sup>1</sup> Associação Brasileira dos Jornalistas Investigativos.

internet, era assim “engarramento em Botafogo”. Sim, mas daí a cinco minutos você tem que dizer se acabou o engarramento ou não acabou o engarramento. Você tem que ir atualizando. E qualquer tiroteio, qualquer atropelamento, se jogava na internet sem checar se realmente era verdade ou não. Esses pequenos erros, por causa da vontade de acertar, de entrar nesse mundo, acabaram ficando na cabeça do pessoal pré-internet. Dizendo assim: “Ah, pô, que saco, esse pessoal da internet não sabe nada, não conhece nada, não sabe escrever”. O fato de escrever pouco não quer dizer que ele não sabe escrever, porque ele tem que ter um texto mais enxuto e tal, mas isso vai mudando. Hoje em dia na internet você vai botando links e mais links, vai abrindo hipertexto e você escreve a metro, muito mais até do que em jornal. E a galera pré-internet diz que esse pessoal é muito babaca, é novo, é pedante, é isso e aquilo... E o pessoal da internet diz que o pessoal pré-internet é ultrapassado, dinossauro, então... existe esse conflito, parece coisa de Fla-Flu, Grêmio e Inter, não é, uma coisa idiota. Enquanto a gente está brigando ali embaixo, o andar de cima ... é vida que segue. Então esse conflito, que começou a existir lá em 1998, 1999, por aí, quando começou a haver o negócio do on-line, o on-line está com uns dez anos, agora se acirrou um pouco mais porque é o seguinte: tem o pessoal da internet e tem a gente, na redação. Agora não, agora nós somos uma coisa só, agora tem que ter a sinergia. Agora é que é o segundo *round* da briga. Então, em todas as redações está acontecendo isso, porque você tem que ser um multimídia. Mas a sua cabeça não foi preparada para ser multimídia, porque o processo de trabalho foi feito de forma errada. Veio uma coisa vertical, uma ordem. “Tem que fazer”. Você não trabalhou a base. Se você viesse trabalhar essa base, treinava toda a base, ia solidificando aquele pensamento e tal, as pessoas iam trabalhando, ia ser uma coisa natural. Mas quando vem a ordem de cima para baixo, “a partir de amanhã nós temos que mandar *flash* da rua”. “A partir de amanhã” foi a guerra, ninguém conseguiu mandar *flash* da rua. Por quê? O repórter dizia “eu não ganho para isso, eu não tenho que parar minha entrevista para mandar *flash*”, um *flashzinho*, você ligar e dizer: “o governador disse agora que vai ter um decreto que vai criar não sei quantos cargos”. Isso você ligou e resolveu, não é? Mas você não fazia isso. Porque veio uma ordem, a coisa veio como ordem, de cima para baixo. O que está acontecendo agora, nesta outra fase de multimídia, você está treinando todo mundo, mas ainda assim ainda há um erro... entendeu? Você treina para daqui a uma semana a gente começar. Antes de você treinar, você teria de ter um seminário, uma palestra, seja lá o que for, uma aula, para mostrar que é importante isso, porque não tem outra forma de caminhar, porque o mundo está caminhando para isso. Que você tem que se adequar a isso. Você não pode conceber numa redação... “Fulano, tem um blog”. “Ah, mas eu acho que internet isso é uma babaquice”. Oh, bixo, eu tenho um blog, eu tenho um site, tenho twitter, então apareceu uma coisa eu vou lá e vejo o que é. Eu não preciso ficar num chat da internet, eu acho um saco ficar num chat da internet, mas eu tenho que conhecer aquela ferramenta, para saber o que eu posso extrair dali para melhorar o meu trabalho. Essa que é a grande vantagem. E você encontra resistência. E você às vezes fala: “pô, legal, olha eu fiz um blog para ver como é que é essa ferramenta: como é que isso – postar, coloca foto, coloca áudio, vídeo, como é que eu vou fazer isso”, porque daqui a pouco eu vou ter que fazer isso no meu trabalho. Então eu posso fazer isso de uma maneira gostosa, brincar com o texto. Fazer o texto de uma forma diferente, antes que venha uma obrigação dentro do seu trabalho. Está uma guerra, eu diria que está uma coisa assim meio abafada. “Sinergia vai acontecer? Não, nunca vai acontecer!”, “vai acontecer”. Vai ser todo mundo num espaço físico igual? Vai ser um grande salão? Ou serão andares diferentes? Você não precisa fazer sinergia com todo mundo no mesmo andar. Óbvio que não. Mas você tem que entender que você, a partir de agora, o material que você

coloca, o repórter hoje sai para a rua, quando ele volta, ou mesmo na rua, ele já leva o *laptop* do jornal, em alguns casos, você já manda o texto que vai sair direto na internet. Ele não passa pelo filtro. Antes ele escrevia cachorro com x. Ah, o redator vai pegar! Não pega! Agora o teu texto tem que estar redondinho, e com as informações checadas, porque ela vai direto para o *on-line*. Ela não tem um filtro, mais uma pessoa para ler, remendar, ajustar o texto. Porque você recebeu um treinamento para você ajustar o texto, direitinho. Lá no jornal, nessa academia, o treinamento é durante o ano inteiro. O cara está com alguma dificuldade em português, tem curso de português o ano inteiro. Ah, mas eu não vou fazer fora do meu horário de trabalho, porque eu acho um absurdo. Então aí é complicado. Porque quem cuida da sua carreira é você. Não é a empresa onde você trabalha que vai cuidar da sua carreira. Você é que vai ter que cuidar da sua carreira. Então, o que eu faço: quando eu vejo lá na tabelinha – ah, esse curso é interessante: antropologia do consumo. É num horário diferente, é de manhã, eu entro de tarde. Eu não quero nem saber, vou lá e faço, fora do meu horário de trabalho. Porque aquilo me interessa, aquilo vai agregar alguma coisa no meu currículo, na minha carreira. Se eu for esperar que o jornal abra uma brecha no meu horário de trabalho para fazer um curso, você não vai fazer curso. Ah, é injusto, é sacanagem. A gente pode até discutir que, pô, é um absurdo, você já fica tantas horas lá dentro, ainda tem que ficar mais tantas horas! Só que eu quero melhorar o jeito de eu trabalhar, a minha empregabilidade tem que estar 100%. Eu já estou há mais de duas décadas trabalhando, eu acompanhei essa mudança, eu não posso ficar apenas achando que eu vou chegar lá, como serviço público, eu vou fechar aquela materinha e tchau, levanto e vou embora. Tem gente que faz isso? Tem. Vai sobrar daqui a pouco? Vai. Não me interessa sobrar, primeiro porque eu gosto do que estou fazendo, e gosto de aprender coisas diferentes. A cabeça de quem está na redação, é um processo muito interessante de ser observado, ano passado, esse ano que a gente está passando, o ano que vem, vão ser de grandes mudanças dentro das redações. É engraçado você ver uma pessoa com vinte e tantos anos de repórter, sair agora com um videozinho. “Ah, como é que eu aperto...?” Você se nega a aceitar a tecnologia. Por quê? É chato? É chatíssimo! Mais uma coisa para você se preocupar é chatíssimo. É óbvio que é chatíssimo. Mas você não faz isso em casa? Você não fotografa filho? Não filma a festinha, a apresentação de balé? Entendeu? “Ah, agora a gente tem que fazer isso e a gente não ganha para isso?!”. Agora é uma outra discussão, é a questão da remuneração. Aí é o sindicato. A gente tem que fortalecer o sindicato para o sindicato brigar para ter uma mudança, porque sozinho você não vai conseguir brigar. Só que aí, para você ir no sindicato, ah, não, o sindicato é um saco, não sei o quê. Falar para jornalista se organizar, entendeu, é complicado. Responder questionário já é um horror. É verdade. Eu fui dar uma palestra de trabalho de equipe, mandei questionário com cinco perguntinhas, mandei 40 questionários, para conseguir 34 de volta, porque ficava em cima, “rapidinho, por favor, é importante e tal”. Jornalista não gosta. Então é engraçado, “eu não posso perder tempo com isso”. Mas o tempo que você tem você tem que utilizar da melhor maneira, e você não utiliza. Você tem as velhas práticas de ir lá... [inaudível]. Ah, tem que entrevistar fulano, eu vou ligar. Dá um telefonema de manhã. Hoje em dia não tem isso, não tem isso. Você tem *Skype*. Entra no *Skype* e conversa com o cara, não é grampeado nem nada. Não existe mais essa desculpa. Eu fui lá e o fulano não estava. Não, o fulano pode ser acessível por e-mail, por telefone, pelo celular, presencial, com algum jeito você tem que entrevistar o cara e dali partir para uma coisa melhor. Aquele declaratório, que a gente fez muito, não dá mais. Só reproduzir não dá mais. As assessorias já fazem isso. A assessoria do governador já manda o *release* dizendo tudo o que ele disse. A gente precisa de uma coisa a mais. Você precisa de um olhar diferenciado.

Ele [o governador] te deu uma informação, você vai lá no orçamento, futuca o orçamento, entrevista especialistas, vai no local. Se ele diz que vai construir casa em Nova Sepetiba, você tem que ir ao local para ver se é possível. Vê no orçamento se tem verba para aquilo, você tem que se virar para dar uma informação diferente da que está na internet.

V.F. – Na tua opinião, o que é um acontecimento jornalístico? Ou seja, o que faz com que um determinado evento, um acontecimento, um fato, saia da vala comum dos acontecimentos sem importância para se transformar em notícia?

A.N. – Hoje em dia a gente tem que tirar tudo da vala comum. Essa é a verdade. O que é vala comum está no “colunão”. Aquelas cinco, seis linhazinhas. O que não é a vala comum, está fora do “colunão”. Se eu mando um repórter: “ah, o prefeito fez hoje a pajelança”. Aqui no Rio, uma vez por mês, ele [o prefeito] reúne todos os secretários na PUC, fica lá fechado um dia inteiro, lava roupa suja, faz tudo, faz mil coisas e tal, e você não tem acesso. Eu não posso deixar o repórter o dia inteiro, mais uma reunião não dá. Ele consegue descobrir uma coisinha do que foi discutido lá dentro. Ah, ele falou que agora vai ter uma licitação dos ônibus. Para a gente é importante. Como é que vai ser isso? Dessa informaçãozinha ele [o repórter] vai ter que se virar, na internet, com especialistas, fuçar orçamento, tudo para transformar isso numa grande matéria. Em alguns outros jornais isso é a vala comum? Depende de cada jornal a importância que você dá a isso. A Cidade da Música é um exemplo. Para *O Globo*, a gente fica ali marcando em cima, se Cidade da Música está boa, não está e tal. Primeiro depende da linha editorial de cada jornal. Depois, depende do repórter que está na rua. Às vezes tem repórter na rua que diz “ah, fui a fazer a suíte daquele crime e não rendeu nada”. “Não rendeu nada?!”. Como não rendeu? Foi uma chacina de cinco pessoas e ele não vai fazer nada? “Não, não vai fazer nada, isso é uma bobagem”. Mas não apareceu ninguém lá? “Não, não apareceu, ele disse que vai convocar até os parentes.” Então, como assim, vai convocar os parentes? Então tem suíte. Acho que há um olhar cansado também do repórter que já está muito tempo na rua, que tem que se renovar o tempo todo. Porque tudo é matéria. A gente está aqui olhando, sabe, vai ter matéria. A gente tem que enxergar matéria, tem que fazer o diferencial, porque o comum já está no rádio.

V.F. – Portanto, o olhar do repórter...

A.N. – Tem o olhar do repórter, tem o olhar do pauteiro, que está dentro da redação, o olhar do editor, quando recebe o material e descobre, perdido no meio daquela apuração toda, “mas esse é o detalhe importante!”, “vamos trabalhar este [detalhe] aqui, e não aquela abertura”. Eu acho que é um conjunto de olhares. O repórter é o primeiro retorno. Quando ele chega, você conversa com ele. Vem cá, como é que foi? Foi assim, assim... Aí, de repente você pega uma informação que ele não deu importância. Mas, espera aí, essa informação é importante. Vamos mudar, vamos virar a matéria, vamos trabalhar em cima disso aqui, e não em cima daquilo que você trouxe. E aí você pode errar, mas pode acertar, pode fazer um diferencial. São vários filtros. Tem o olhar do repórter, tem o olhar do pauteiro, o olhar do chefe de reportagem, o olhar do editor, passa por vários olhares, e o olhar do diretor de redação, que chega e diz: não, nós queremos abrir com tal forma. Então, é um conjunto de olhares, de opiniões diferentes, que vai fazer com que aquele... Principalmente para a gente do impresso. Tem que ter uma coisa diferente. Hoje em dia nós somos cobrados o tempo todo porque você está fazendo a matéria e deu no Jornal Nacional. A mesma matéria. Para que o cara vai

comprar jornal para ver a mesma matéria. Não dá. Você tem que ter uma coisa diferente. Essa exigência faz com que o repórter pare para ter um olhar mais aguçado. Não basta ele ir lá e cobrir aquela manifestaçãozinha. Ele vai cobrir a manifestação, mas vai ter que trazer uma outra coisa. Não o que vai estar no *on-line* daqui a dez minutos, o que vai dar no RJ de noite ou de tarde.

V.F. – Na tua opinião, qual é a função do jornalismo na sociedade? Que papel cabe especificamente ao jornalismo?

A.N. – Nós não temos papel de polícia, primeira coisa. Isso confunde muito. A população vê a gente como a última salvação. “Vocês têm que resolver o nosso problema!”. Nós não temos o papel de polícia. Não é isso. A nossa função é ir lá, registrar o que você está vendo, procurar contextualizar aquele fato e mostrar, tanto para as autoridades, quanto para a população em geral, o que está por trás daquele fato e como aquele fato é encarado. Mas a gente tem que ter um cuidado muito... é o fio da navalha, porque nós não somos deuses nem donos da verdade, e às vezes o jornalista peca um pouco. Ele chega e ... você pode destruir uma pessoa, sem uma apuração mais aprofundada. Você tem que ter muito, muito cuidado. O jornalista tem que ir lá e reportar o fato, contextualizar aquele fato, aprofundar muito, ele tem que saber o que está fazendo, para isso ele tem que se preparar muito. Tem um papel social? Tem, sim. Eu fico feliz à beça quando consigo fazer uma matéria que ajuda alguém. Eu lembro quando estava em *O Dia*, eu fiz uma matéria simples, que era de um garoto que tinha umas orelhas de abano gigantescas, que era sacaneado no colégio, que não conseguia... Então a gente fez uma matéria de comportamento, como criança pode ser tão malvadinha, não é, e aí um médico ligou para o jornal e se dispôs a operar o menino, e a gente depois fez a matéria – ele operando o menino – e eu fiquei tão feliz, fiquei pensando “poxa, que bom que a gente conseguiu resolver uma coisinha... Quando a gente denuncia que numa favela os moradores estão sendo explorados pela milícia e a polícia vai lá e expulsa a milícia e volta a ordem para aquela favela... Esse papel é importante.

V.F. – Tu achas que o jornalista é um intérprete da realidade social?

A.N. – Eu acho que é, eu acho que é. É claro que você tem que levar em conta que a carga dele, emocional, cultural, tudo isso influencia nessa interpretação. Se eu acho um horror favela, detesto favela, tenho horror a pobre, não sei o que, e for lá fazer uma matéria, eu vou ter esse olhar preconceituoso. Você não pode ter esse olhar, você o tempo todo, quem está no fechamento, principalmente, tem que ficar de olho: “não, não é assim, não. Vamos devagar. O pobre está fazendo isso? Porque não tem, ele ocupou aquela margem ali porque ele não tem onde morar. Não vamos ser tão preconceituosos, vamos apenas apurar, não vamos jogar uma carga emocional nisso.”

V.F. – Quais são os valores dominantes hoje na profissão? Já se acreditou em objetividade, em neutralidade, no passado, conceitos que estão em declínio. Quais seriam os novos valores da profissão?

A.N. – Eu acho que já tem, talvez fortalecer. Ética. Você tem que ser ético, você não pode ser... não dá para ser antiético, fica muito complicado. Objetividade? Tem que ter, sim. Agora, imparcialidade, eu francamente não consigo. Hoje eu não consigo ver.



V.F. – Como tu defines objetividade?

A.N. – Tanto a imparcialidade como a objetividade acabam sendo comprometidas pela linha editorial do lugar onde você trabalha. Quando eu comecei na profissão, tinha uma piadinha, que acho que tem até hoje, “faz uma matéria sobre Jesus Cristo”. E o cara perguntava: “contra ou a favor?”. Porque você pode fazer o que você quiser. Eu fui fazer, num determinado veículo, uma matéria sobre o prefeito da época. E mandaram eu mudar a matéria, porque não interessava ao veículo que eu trabalhava naquela época que saísse aquela matéria daquela forma, que estava muito boazinha. Eu disse, “mas não está muito boazinha, está exatamente o que ele fez!”. Era uma análise do... . “Não, mas não pode ser isso, não, porque está muito boazinha. Vamos valorizar isso, isso e isso”. Eu falei “então não vou fazer”. A questão da imparcialidade, acaba sendo atropelada pelos interesses das linhas editoriais dos veículos, de todos eles. A objetividade também. Mas a gente, nós, como jornalistas, quando estamos na rua, temos que ser honestos conosco, honestos com quem a gente está entrevistando, tem que ser ético. Eu não faço na rua nada que eu não faria como cidadão; não faria como jornalista o que eu não faria como cidadão. Quando eu vou entrevistar alguém, vou questionar sobre a lisura de um edital, de uma licitação, eu vou com todos os documentos provando que ali tem um problema. “Tem um problema porque nesse artigo aqui fala que só pode ser empresa a menos de 50 Km, e o senhor sabe que só tem duas”. É diferente. Não é “eu soube que o senhor é ladrão”. Saber, achar, eu acho um monte de coisa. Às vezes eu entrevisto certos políticos com os quais eu não tenho a menor identificação, por quem não tenho o menor respeito, enquanto políticos, porque eu acho são pessoas execráveis, mas entrevisto com educação, com respeito ali na hora, naquele papel ali eu estou como jornalista. Mas o uso que se faz do material que você apura, aí é outra coisa. Quando chega na redação, aí é outra coisa, porque ele pode sofrer mudanças estruturais, e aí muda tudo.

V.F. – Quando tu seleccionas os fatos a serem noticiados, as fontes a serem ouvidas, enfim, tu, em algum momento, levas em conta o quanto isso possa ter interesse para o leitor, em termos de audiência?

A.N. – Sim, sim. E também você leva em conta se aquele especialista realmente entende do assunto. Tem especialista que é palpiteiro, não é especialista. E tem muitos que são figurinhas carimbadas. Houve uma época, por exemplo, que no Rio, para falar de meio-ambiente, era “ah, liga para o Moscatelli”. Era um enxame de Moscatelli, ninguém agüentava mais ouvir Moscatelli. “Ah, ouve o advogado tal”. Ficou até uma brincadeira dentro da redação.: “fulano, fulano e fulano não podem mais ser ouvidos”. Por quê? Porque cansou, porque só recorriam àquelas pessoas, e nem sempre elas tinham coisas interessantes para dizer para o leitor. Então eu acho que a gente tem que levar em conta o interesse do leitor e também se aquele especialista realmente é bom no que ele faz. Porque tem alguns especialistas que são ótimos, mas não conseguem falar para a mídia. Eles são ótimos escrevendo. Então, aquele especialista, você pode pedir um artigo para ele, para você colocar no jornal, na internet, mas não dá para ser ouvido porque ele quer falar duas horas quando vai sair só uma frase dele, e ele fica muito magoado, porque perdeu duas horas e só saiu uma frase.

V.F. – Tu consegues fazer distinção entre uma matéria que seja de interesse público de uma de interesse do público?

A.N. – É engraçado, não é? Têm umas que são de interesse público...

V.F. – Mas que não interessam ao público?

A.N. – Não interessam. É verdade. Eu fico dizendo que não muda o processo histórico, entendeu? E aí? E a Dona Maria não está nem aí para isso...É difícil. A gente tenta. Na verdade, na redação, a gente tenta o tempo todo juntar isso. Mas é difícil. Porque tem coisas que interessam ao público, mas... eu acho também que se você só dá também o que interessa a ele, ele não vai ter acesso às outras coisas. Ele tem que ter o acesso às outras coisas, que às vezes são chatíssimas. Cá entre nós, principalmente a área de administração pública é chatíssima. São decisões às vezes ridículas. Um decreto x não sei o quê... E você pega: “o que isso vai influenciar na vida da dona Maria? Aí você tem que transformar essa coisa chata numa coisa legal para interessar ao público, uma coisa de interesse público para interessar ao público. Tem que ter tempo hábil para fazer isso. Mas é um conflito diário você fazer isso.

V.F. – E tu achas que o jornalista participa do processo de formação da opinião pública sobre determinados assuntos?

A.N. – Participa. O Globo mesmo começou a matéria sobre “ilegal, e daí?”. Carro em cima da calçada. É ilegal, e daí? O cara não estava nem aí! Começamos a fazer uma série de matérias, virou o bordão “ilegal, e daí?”. Virou uma CPI do “ilegal, e daí?”, e hoje em dia as pessoas passam na rua, vêem um carro em cima da calçada, fotografam e mandam para o jornal... Então você acaba... “Gente, é ilegal, então vamos ordenar a cidade”. Você acaba formando, sim, você acaba mudando, influenciando, colocando na agenda do público aquela preocupação. E na agenda da autoridade também, aquela preocupação que ele não estava nem aí. Então passou a ser uma preocupação do prefeito, por exemplo. Na última campanha, eles discutiram isso. “Não, porque não vai ter mais ilegal, e daí, desordem urbana, não sei o que.” Você acaba influenciando a agenda de todo mundo. Sabendo que vai influenciar? Na primeira matéria, não. Mas na segunda já sabia. E quando, quando foi fazer a quarta e a quinta, já era para marcar uma posição, para mudar mesmo, para influenciar.

V.F. – E a Abraji<sup>2</sup>. Qual é o trabalho da ABRAJI?

A.N. – O que a Abraji faz? A Abraji começou em 2003, após o assassinato do Tim Lopes, aquele repórter da TV Globo que foi assassinado fazendo uma matéria investigativa sobre prostituição em baile funk, prostituição de menores em baile funk. Foi uma coisa muito traumática, não é, para o jornalista. Por quê? Quando eu estava no Dia, eu cobri muito favela. Cansei de entrar em favela, lá no morro. E, como eu falei no início, ele [o bandido] chamava a gente de “senhora”, eles abaixavam o rosto e saíam. Lá, mais ou menos em 1993, tinha um programa chamado Aqui e Agora, na TV, do Wagner Montes, “aqui e agora, o que está acontecendo?”. Ele jogava... É o precursor do on-line. Por quê? Porque eles tinham que botar como estava acontecendo. Era uma narrativa assim, que cansava, “entramos na favela...”. Porque era uma coisa real, não é. E houve um problema com uma equipe, que chegou um pouco atrasada, isso aconteceu muito, eu cansei de ver, chegava atrasada e então “vamos fingir que isso aqui então era a cocaína”, pegava um sal, botava no papel, neguinho

---

<sup>2</sup> Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo.

fotografava. Não só a equipe do Aqui e Agora, outras equipes também. E teve um problema no Morro do Borel, que a equipe chegou atrasada, pediu “ah, vamos reproduzir como é que foi a invasão”, foi lá, pegou e tal, os repórteres todos já estavam embaixo, isso foi noticiado na época, está gravado, e aí o policial subiu, meteu o pé na porta, só que ainda tinha um bandido. O bandido deu um tiro com uma escopeta 12 e matou o policial. Aí recomeçou a operação. Todo mundo estava lá embaixo, quando ouviu o tiroteio, ah, balearam um, volta, recomeça... E tem uma cena que, eu vi, eu estava na redação, porque era ao vivo, o charme é que era ao vivo, óbvio, tem um motorista de uma TV que dá carona para o policial. Até então, polícia é polícia, bandido é bandido e repórter é repórter. Quando o bandido passa a ver jornalista dando carona para policial, quebrou. Quebrou aquele relacionamento. Aí aconteceram alguns ataques à TV Globo, chegou a ter um rapaz baleado na perna, onde a gente chegava tinha tiro, tinha contra os carros dos jornais, então a relação ficou muito estremecida. Para você entrar em favela era muito complicado, e algumas pessoas faziam matérias “de imersão”, você se passando por. E esse foi um dos casos do Tim, ele se passava por um morador, porque ele conhecia muito, a família dele era da favela da Mangueira, ele conhecia já o jeito de as pessoas falarem, conhecia esse mundo. Só que ele foi descoberto, enfim, foi morto, e aí isso abalou demais a classe. Naquele ano, a gente fez uma... os jornalistas começaram a discutir isso no sindicato, que tinha que ter um esquema de segurança melhor para o trabalho do jornalista, se usa colete, se não usa colete, começou a discussão naquela época. No fim do ano, num seminário na PUC-Rio, para discutir cobertura policial, várias pessoas começaram a conversar e os jornalistas que estavam lá presentes resolveram fundar uma associação. Depois de alguma discussão ficou esse nome: Abraji – Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo.

V.F. – Cujá sede é em São Paulo.

A.N. – A sede é em São Paulo, e tem 11 diretores espalhados pelo Brasil. Tem no Rio, em Porto Alegre, em Minas, Ceará, Recife, São Paulo. Você vai distribuindo. E o objetivo é a gente capacitar, treinar jornalistas, com as novas técnicas, principalmente com o que a gente chama de RAC – Reportagem [inaudível] por Computador. Você treinar e capacitar aonde estiver. Então a gente faz seminário, cursinho no interior, não sei aonde, além dos grandes congressos que a gente faz anualmente – congresso internacional, quando a gente traz jornalistas de fora para vir conversar e trocar experiência. Então, o rapaz de Manaus fez uma boa matéria, ele apresenta a matéria dele no Congresso, que aí o cara do RS que jamais teria contato com isso vai ver o bastidor, o making off, como ele fez aquela matéria. O que nos interessa é trocar experiência, além de treinar, formar melhor os repórteres que estão chegando no mercado. E a gente tem várias parcerias, com o Instituto Ayrton Senna, com fundações, com o exterior, não recebemos dinheiro público, é um trabalho voluntário. E é muito legal porque você faz uma coisa, uma rede de conversa também. Você tem uma lista de discussão que congrega todos os sócios, e é legal porque, por exemplo, se tem um menino do interior do Piauí “oi, estou precisando de um especialista em não sei o que”. Aí o cara do Rio Grande do Sul conhece e diz “olha, tem esse que é ótimo”. Você abre o caderninho, que é uma coisa que em redação você abrir o caderninho é faca no pescoço. Para você abrir as fontes do seu caderno. Você troca fontes. Esse compartilhar o conhecimento é uma coisa muito legal. E a gente está fazendo isso direto.

V.F. – Isso é uma inovação?

A.N. – É, isso é uma coisa bacana, é engraçado você ver isso assim. A gente está ampliando a nossa atuação, na medida do possível e de pernas e braços que a gente tem. Como a gente não recebe dinheiro de governos, você vive das doações, você vive de parcerias externas, da mensalidade anual, e aí é isso.

V.F. – Como é que são esses grupos de trabalho dentro das redações?

A.N. – No *Globo* começou mais ou menos em 1991, em 1995, por aí, começou a se consolidar, e aí fez-se o seguinte: em vez de você ter numa redação 40 repórteres, na Rio, “ah, fulano gosta muito de saúde”, “fulano gosta muito disso, mas o cara de saúde às vezes é deslocado para fazer polícia”. Então se criou os times. Time de saúde. Todo mundo que gosta de saúde acabou ficando num time. Quem gosta de cobrir polícia e justiça ficou num time; quem gosta de administração fica num time. Então você divide em times, cada time tem um coordenador (os três subeditores são coordenadores do time, além do chefe de reportagem). Esse grupo fica o tempo todo conversando e se especializando naquela área. No meu caso, de administração pública, o que é que eu faço? Além das reuniões diárias que a gente tem, da pauta, alguém me diz: quinta-feira eu queria fazer uma pauta sobre isso e isso. Aí eu já informo ao pauteiro que esse repórter vai estar com essa pauta x. Mas eu tenho esses outros dois que não estão com pauta nenhuma, porque o resto – governo e prefeitura – está coberto. Os dois estão soltos, se houver necessidade, eles podem ser deslocados para cobrir qualquer outra área. Você pode emprestar, isso é uma coisa conversável, não é uma coisa rígida. O grande barato é você especializar aquele pessoal. Então o que é que eu vivo fazendo? Quando eu sei de um curso, um seminário, uma palestra, eu aviso. “Fulano, olha só, a gente tem esse curso assim, assim, em São Paulo. Vamos ver se o jornal paga a passagem. Aí eu converso com a editora de treinamento, nós temos uma editora de treinamento, “olha, isso é importante para a gente, mandar esse repórter para assistir esse seminário para se especializar nisso, e quando ele voltar, ele multiplica o conhecimento. Ele dá uma palestra, ele ensina”. “Ah, beleza, faz isso”. Aí ele vai, faz o seminário dois ou três dias, volta, marca e todo mundo que tiver interesse vai lá e você repassa o conhecimento. Eu mandei um [repórter] para a Colômbia para fazer jornalismo literário. Por quê? Porque para escrever sobre administração pública, é um negócio muito chato. Você tem de escrever de uma maneira gostosa e tal. Aí eu pensei, “pô, tem tudo a ver com o Dine, aí “olha, Dine, tem esse curso assim, eles bancam tudo. A gente só precisa mandar uma cartinha e você disputar com outras zilhões de pessoas. Aí a gente fez isso, mandou uma cartinha e conseguiu ser selecionada, a gente conversou, “e aí, dá para liberar ele esses quatro dias?”. “Ah, beleza, tá liberado”. Na volta ele vai fazer isso... Pode. Ele foi, quando voltou ele deu duas palestras sobre isso. Então você vai especializando o seu grupo. Então, no meu grupo tem gente que fez pós em Políticas Públicas, tem outro que está fazendo doutorado em Ciências Políticas; tem outra que está terminando a outra pós dela. O coordenador procura incentivar a cada um se especializar naquela área. “Você gosta dessa área?”. “Então vamos se especializar!, vamos fazer cursos de RAC”. Você tem que ser fera para lidar com esses números, pegar banco de dados público e transformar isso numa coisa bacana.

V.F. – O jornalismo está uma atividade muito mais profissionalizada do que há dez ou 15 anos.

A.N. – É. Não é uma “cachaça”. “Ah, jornalismo é uma cachaça!” Não é. E também não é o que aparece na televisão!, não é novela, não é Zé Bob. Aquilo não existe. Esse negócio de “faz a minha pauta enquanto eu vou encontrar a minha namorada” – isso não existe. Você tem que, cada vez mais, é aquela coisa da carreira mesmo. O que eu faço: eu já perdi dois repórteres. Perdi não. Achei ótimo porque a [editorial] Nacional pegou os dois e mandou para Brasília. Eu achei o máximo. Isso significa que o trabalho que você está fazendo é um trabalho legal. Eles estão fazendo um trabalho legal. Então tinha duas vagas. Como é que eu preencho? Ao longo do ano, você vai trabalhando com pessoas e tem outras pessoas que também vão fazendo a cobertura do governo. Porque, é óbvio, quando tem uma coisa gigantesca, o cara da manhã às vezes vai fazer, e aí você observa. “Pô, o fulano fez direitinho!, fulano gosta dessa área”. Aí você vai lá e tem uma dominical bacana, você: “fulano, você não quer fazer uma dominical com outro.” “Ah, bacana”. Aí você começa a observar pessoas. Eu não quero nem saber, fico ali, “hummm, vou capturar aquele garoto para o meu grupo!”. Claro. Se você gosta desse assunto, é mais interessante você ter no grupo uma pessoa que goste do assunto, que já é um assunto pesado. Aí eu faço isso. Pego, negocio com o editor, “pô, tenho uma vaga, será que o fulano não podia vir, e às vezes leva meses até você conseguir. E aí você coloca a pessoa naquele grupo. O objetivo é ele, o tempo todo, sugerir coisas diferentes da pauta diária. Porque cobrir o governador que foi lá e assinou um papelzinho é um horror. Nós queremos o além [disso]. “nos últimos três meses, ele botou só 2% do orçamento em segurança pública”. Isso para a gente é matéria.

V.F. – Esse é o tipo de informação que só jornal impresso pode dar?

A.N. – Não, não. Pode dar na internet, pode dar na TV, pode dar em qualquer lugar. É só você querer. Porque se você especializa o repórter, ele vai ter esse olho. Ele vai estar lendo o jornal lá todo dia, vai estar lendo o DO [Diário Oficial] todo dia, e vai dizer assim “hummm, mas se o orçamento está na internet, deixa eu dar uma olha quanto o governador...” . É claro que você tem que ter um tempinho x do seu horário para você fazer isso. Não tem aquele tempo que você fica no café jogando conversa fora? Você pode fazer isso. Eu já notei que nos últimos três meses ele só botou... Vamos fazer uma matéria para a TV? Vamos. É possível? Claro que é possível. Em internet, então, é uma brincadeira! Você pode fazer tudo.

V.F. – Quando fiz essa pergunta, estava me referindo ao papel que cabe ao jornal na disputa com esses meios mais instantâneos.

A.N. – Mas se eu trabalhasse em televisão, também faria a mesma coisa. Eu faria o diferencial todo dia. Esse negócio de ir lá, cobrir, não. Não pode ser só isso, não. Porque isso é pouco, até para o cara que assiste televisão. O jornal não está correndo atrás do prejuízo, ele tem que se manter mais atualizado do que a TV, porque a TV joga a assinatura do cara, mas no Jornal Nacional não basta só a assinatura. Ele já vai com outra coisa a mais, se não ele não vai para a rede. Ele só assinou um repassezinho de 1 milhão para a área de Segurança? Isso é uma bobagem. Mas se provar que, na verdade, nos últimos seis meses, ele não investiu em nada, o homicídio cresceu x, que o assalto cresceu y, essa matéria mais trabalhada, ele pode jogar, por exemplo, no Jornal Nacional, e aí ele tem um diferencial. “Pô, que sacada interessante!” Aí o jornal impresso vai ter que se dobrar para poder fazer o diferencial do diferencial. Todo mundo busca, na verdade, fazer o diferencial para atrair a atenção do leitor. O leitor tem que estar comigo. Todo mundo está correndo, todo mundo. A CBN, eu estava

escutando hoje de manhã, eles fazem debates, eles levam pessoas para serem sabatinadas, escutam o leitor... O rádio, que diziam que ia acabar quando começou a TV, não, ele está cada vez mais atualizado. Olha, veja o nosso site na internet, o rádio tem sites na internet... Você pode ouvir aquela entrevista que você perdeu. Então, todo mundo está se atualizando, o impresso não pode ficar atrás. Eu acho que talvez a gente tenha que começado a despertar mais tardiamente, mas você vai ter que acelerar esse processo, para não ser atropelado.

V.F. – Para encerrar, tu tens alguma filiação ideológica, partidária... enfim?

A.N. – Eu não sou filiada a partido nenhum. Eu ia muito nos comícios do PT, mas não como filiada, só como simpatizante. Mas eu fiz uma matéria em que eu denunciei dois vereadores e um deputado do PT nos quais eu já tinha votado. E eu fiquei com mais raiva ainda porque se eu confiei meu voto, entendeu, isso é um absurdo, não pode ter essa traição. Já votei nulo também, por não concordar com os candidatos. Então eu não sou filiada a partido nenhum, e sou muito chata com político. Eu sou muito idealista. Eu acho que ele tem que dizer a verdade, não pode mentir, e também não pode roubar. Ele já ganha lá o dinheiro, e é um dinheiro mole para ganhar, não é! Pelo amor de Deus! Não trabalham segunda nem sexta. Só tem expediente terça, quarta e quinta. Então, é possível ser feita tanta coisa e eu acho um absurdo quando eles falam assim: “ah, não, foi só mil reais, dois mil, dois milhões!”. É muito dinheiro, num país miserável, em que as pessoas ganham 50 reais no Nordeste, trabalham um absurdo cortando cana, cortando cana o cara ganha centavos, as pessoas tratam a roubalheira de uma forma muito .... sabe, falam de milhões como se fossem centavos. Isso eu acho um absurdo. É ingênuo, é idealismo, não sei. Eu sei o seguinte: existem pessoas honestas na política, existem pessoas bacanas fazendo um trabalho bacana, e hoje em dia quando eu vou votar eu não necessariamente voto no mesmo partido. Eu voto em pessoas, não voto em partidos. Principalmente aqueles com quem eu lido diariamente, “pô, aquele é um cara legal”, mas também não faço campanha para ninguém. Hoje em dia não vou mais, já fui muito a comício, hoje em dia nem vou mais, como cidadã, participando, aquela coisa do “Lula lá!” eu fiquei traumatizada, fiquei decepcionadíssima. Ontem mesmo eu estava arrumando meus papéis em casa e vi o jornal que eu tinha guardado, o jornal do Lula, Lula Presidente, e eu fiquei “pô, por que eu guardei esse jornal?”. Eu me lembro que estava trabalhando no dia, eu fiquei tão emocionada quando ele foi eleito. A redação inteira ficou um silêncio, um choque, todo mundo ficou parado em silêncio, foi uma coisa emocionante, você ficar com o olho cheio d’água e tal, e eu guardei, pensei, “pô, foi um dia histórico”. Aí, depois de tudo o que aconteceu, eu falei “ah, isso vai para o lixo”. E joguei para o lixo um negócio que estava guardado há anos, e joguei para o lixo sem o menor remorso. Pô, que coisa, não é? Como é que pode? Então hoje em dia eu voto em pessoas, eu admiro o trabalho de pessoas, não de partidos. É horrível dizer isso, é chato, mas, por enquanto eu estou nessa fase.

V.F. – Além das questões que eu propus aqui, há alguma coisa que tu queiras acrescentar e que não tenha sido tratada nesse roteiro?

A.N. – Eu bato muito nessa questão da mudança do jornalista, principalmente nessa questão do trabalho de equipe, que tem a ver com a coisa dos times. Você trabalhar em equipe é bem diferente daquele trabalho solitário de “sherlock”, “eu sou ótimo”, “eu sou fantástico”, “só eu consigo resolver as coisas e tal...”. Hoje em dia, tanto as falcatruas, as fraudes, isso é uma coisa tão complexa que um só não dá conta. E trabalhar em equipe tem sido para mim uma

coisa muito prazerosa. Você trocar informação, trocar conhecimento, trabalhar com um grupo em que um sabe mais, um busca documentar, outro sabe mais trabalhar com banco de dados, sabe mais entrevista... E aí, de repente, no final do trabalho, todo mundo aprendeu um pouquinho. Você compartilhou fontes, você abriu a informação, você fala uma pauta, outro acrescenta. Esse trabalhar em equipe, isso é que vai ser o grande “tchan” para a gente. Você conseguir descer um pouco do pedestal e entender que é muito legal você repassar o conhecimento, você abrir o seu caderninho. Você pegar esse seu conhecimento, por pouco que seja, e você ensinar para o outro, o outro te ensinar. Você cresce junto e já passa para outra etapa. Hoje em dia, no meu grupo, é engraçado, eu já não preciso dizer “fulano, você tem que fazer isso!”. Você não precisa dizer isso. Vamos fazer uma matéria sobre repasses de saúde. Pô, você não precisa dizer o que as pessoas têm que fazer, elas já se entendem pelo olhar. Ou então, eu não consegui achar um personagem, e o outro generosamente fala “eu conheço fulano de tal”. Você não precisa pedir. Esse compartilhar é uma coisa legal que está acontecendo, principalmente de 2004 para cá (em 2004 a gente fez uma matéria muito legal, que foram *Os Homens de Bem*, sobre o crescimento patrimonial dos deputados da ALERJ, e com essa matéria a gente ganhou quatro prêmios internacionais e um nacional – a gente ganhou o Rei da Espanha disputando com 26 países, ganhou o Esso também naquele ano), e a gente começou a fazer esse trabalho diferenciado. Foi legal porque a gente percebeu que planejando, compartilhando, método mesmo de trabalho, organizar isso, e depois, no trabalho seguinte, você evoluir, fazer uma coisa melhor, diferente. E aí você vê que tem outro grupo querendo saber “como que é vocês fizeram isso?”. Assim, assim, aí você repassar e eles começarem a fazer, isso é legal. Compartilhar o conhecimento é a grande sacada. E você tem que estar atento, não pode desprezar o novo, nem a opinião do outro. O cara tem 25 anos, chegou agora, ele pode me ensinar um negócio que eu não sabia, e eu quero que ele me ensine porque eu quero aprender. Quando eu entrei no jornal tinha uma piada que era assim: pato novo não mergulha fundo. Hoje em dia não. O cara entrou no ônibus agora, ele pode ir para a janela sim, pode até abrir a minha janela, contando que não desmanche o meu penteado, pode abrir janela! Contanto que ele diga posso abrir a janela. Beleza, pô, legal, quem é você? Receber o cara de uma forma diferenciada. Eu fui recebida assim: pato novo não mergulha fundo. Esse preconceito a gente tem que quebrar. Pato novo pode mergulhar fundo? Pode. Pode e vai mergulhar e vai trazer o melhor peixinho lá de baixo e que você não estava nem vendo, porque você estava com preguiça, estava cansado. Você tem que estar o tempo todo renovando, inventando, igual a casamento, se você não renovar está lascado. É isso.

[FIM DE ENTREVISTA]